

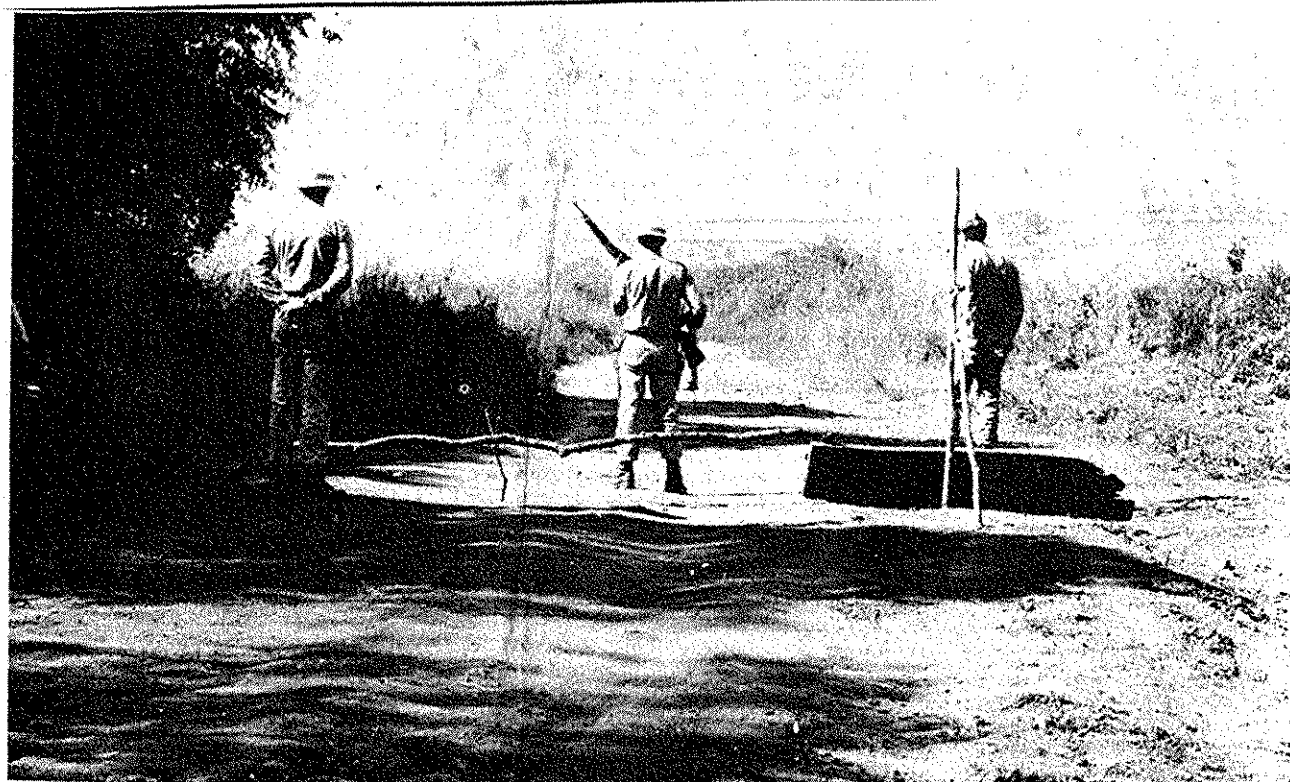
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Folha de São Paulo*

Class.: 992

Data: 15.05.78

Pg.:



A entrada da reserva indígena de Nonoai, vigiada por soldados da Brigada Militar.

Tensão agrava-se no Sul

Rangel Reis vai examinar hoje as revoltas indígenas

LUIS PADOVANI
Enviado Especial

NONOAI — O ministro do Interior, Rangel Reis, chega na manhã de hoje à cidade de Frederico Westfalen, no norte do Rio Grande do Sul, para uma reunião com autoridades do Estado e dos municípios onde ocorreram expulsões de colonos das áreas indígenas. O problema do índio e dos colonos sem terra não constava da agenda do ministro em sua viagem pelo Rio Grande do Sul e Santa Catarina, para observar os efeitos da seca, e é interpretada como um sintoma do agravamento de tensões em todas as reservas indígenas da região ocupada por arrendatários da Funai.

A solução definitiva para os colonos de Nonoai e Planalto, entretanto, ainda não foi trazida à região e a demora está causando inquietação tanto nos brancos expulsos, que há uma semana se encontram sem teto à beira das estradas, quanto em relação aos índios, que temem o retorno dos colonos à reserva.

Ontem à tarde, os prefeitos de Planalto e Nonoai foram convocados para uma reunião com o comandante da Brigada Militar da região, coronel João Aldo Danesi, e o delegado regional da Funai, José Carlos Alves. Ficou decidido que os colonos expulsos contarão com o apoio dos soldados para colher o milho que deixaram na reserva. Essa decisão foi tomada sem a participação do cacique de Nonoai, o Kaingang Nelson Jacinto.

"POVO BOM"

O prefeito de Nonoai, Gervásio Magri, ao ser indagado a respeito do tempo que demoraria a resposta das autoridades federais e estaduais sobre o assunto que levaram para resolver em Porto Alegre na sexta-feira, afirmou: "Essa pergunta nem me deveria estar sendo feita agora. A solução já deveria ter chegado. Estamos só olhando para o relógio, e se nada for decidido até amanhã (hoje), vou para a Capital pedir socorro".

Segundo o prefeito, os colonos expulsos não se revoltaram até agora porque "esse povo é bom demais". Gervásio Magri tinha acabado de percorrer algumas estradas na periferia da reserva indígena, acompanhado de um médico particular, que examinou as crianças encontradas. Isto porque, a despeito das promessas deixadas na sexta-feira, o Governo Estadual ainda não enviou equipes sanitárias a Nonoai.

Mas de 2 mil pessoas que saíram da área da Funai continuam espalhadas pela região, contando apenas com uma precaríssima assistência da Prefeitura e doações dos habitantes da cidade. Na realidade, sua situação continua inalterada, pois permaneceram espalhados ao redor de vilarejos, ocupando capelas e escolas, ou mesmo dormindo sob as árvores.

DESVALIDOS

O colono Teodoro Porto, cuja família divide com outras três os 12 metros quadrados de uma "escola", disse que eles precisam de pouca coisa para sobreviver.

"Nós, com um pedacinho de terra, uma enchada e uma foice, se viremos muito bem. Mas sem a terra nós não podemos sobreviver, porque nós se criemos na agricultura e não sabemos fazer mais nada. Tirou dessa profissão, nós tamos desvalidos" — salientou

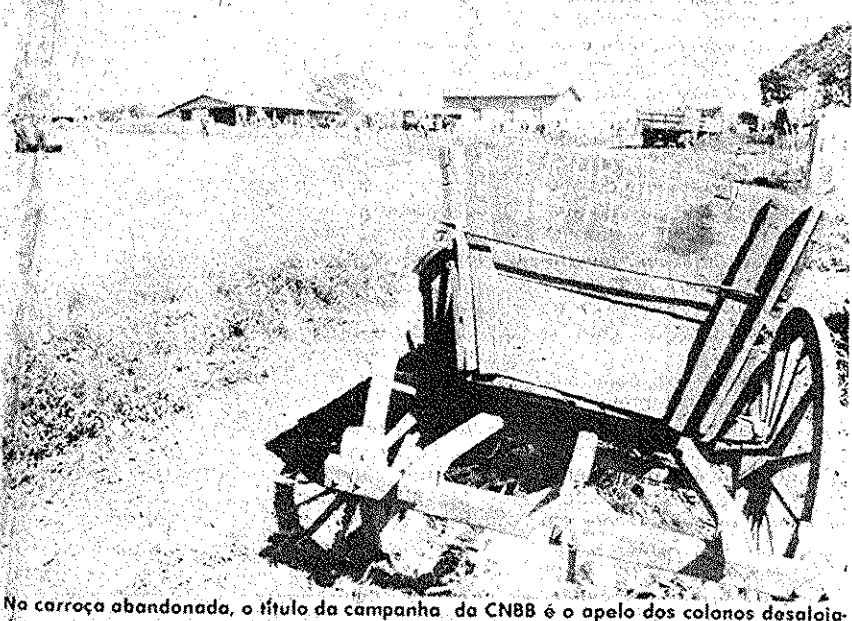
TEMOR AOS ÍNDIOS

Na localidade de Taquaruçuzinho, onde a capela e a escola ostentam as reclamações dos posseiros por uma terra, a situação permanece da mesma forma que na sexta-feira, quando os colonos receberam as promessas das autoridades federais e estaduais de uma "próxima solução".

Cozinhando e muitas vezes dormindo ao relento, um número ainda não detectado de famílias aguardam dos gabinetes oficiais a decisão final. Alguns homens se arriscam a voltar às suas antigas roças para colher o que sobrou, mas a maioria teme os índios, embora estes estejam em compasso de espera, permitindo que os posseiros levem o que plantaram.

O ex-arrendatário Sebastião Florenço Soares, entretanto, não pensa mais em voltar à reserva. Segundo ele, o que interessa é uma nova terra, onde poderá viver em paz.

"Se me dissessem que tinha alguma terrinha pra mim em um lugar qualquer, eu pegava a minha família e me mandava já pra lá. O milho, a casa, eu deixava tudo pros índios, que a terra é deles mesmo, e eu faço tudo de novo se tiver terra" — disse.



No carroça abandonada, o título da campanha da CNBB é o apelo dos colonos desalojados.

"Índios não aguentam mais"

A antropóloga Lígia Simonian, da Associação Nacional de Apoio ao Índio (ANAI) em Tijuí, esteve ontem em Nonoai para entrevistar-se com os Kaingangs da reserva, o que não lhe foi permitido.

A antropóloga, que está preparando tese sobre a situação de posseiros em áreas indígenas, disse que há tempo vem acompanhando de perto o problema e que "os índios não aguentam mais esperar pela evacuação de brancos de suas terras, prometida e protelada há anos".

Segundo ela, o arrendamento de terras indígenas feito pelo antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e depois pela Funai causou inúmeros problemas, entre eles choques diretos entre índios e posseiros.

"O conflito não é novo — afirmou — e eu tenho toda a documentação do posto da Funai onde constam muitos casos de lutas entre os Kaingangs e brancos."

Para a antropóloga, o problema não se restringe à reserva de Nonoai, mas à maioria das áreas em que a Funai adotou o sistema de arrendamento de terras a colonos.

Ela mostrou um levantamento efetuado pela própria Fundação Nacional do Índio em 1975, ano em que foi divulgado que as reservas seriam evacuadas em poucos meses. No relatório consta a existência de um total de 623 arrendamentos em cinco reservas indígenas gaúchas, além do cadastramento de mais 889 famílias de posseiros que foram admitidas nas áreas.

Isso apenas para o Rio Grande do Sul, sendo que em Santa Catarina e Paraná, restringindo-se apenas aos estados sulinos, há idêntica situação. Na reserva de Chapecozinho (SC), por exemplo, onde se prevêem os próximos problemas, estima-se em 2.500 o número de pessoas brancas. Para Lígia Simonian, a expulsão dos posseiros das reservas é o primeiro passo que os índios darão no sentido de conquistar o seu direito, caso não seja mudada a ótica da política indigenista, "integracionista e repressiva", adotada pela Funai.

"Nunca deram voz ao índio, como es-

tão fazendo neste momento mesmo (referência à reunião para decidir sobre a colheita na reserva), protelaram todas as soluções, e então o que queriam deles? O índio resolveu buscar uma solução apenas sua, ao que parece" — disse a antropóloga.

O cacique teme a volta dos colonos

"Nosso povo está preocupado. As autoridades brancas não resolvem o problema dos brancos que ficam aí fora esperando só a chance de poder voltar pra área". Essa frase é do cacique Nelson Jacinto, da reserva de Nonoai, que queria preparar uma nota à imprensa sobre qual é a posição dos Kaingangs frente ao problema que enfrentam.

Mas esse é mais um dos motivos que angustiam o cacique, já que a Funai mantém rigorosa vigilância sobre os índios e impede que qualquer pessoa, principalmente repórteres, não credenciada pelo órgão em Brasília, adentre a reserva.

Numa rápida conversa, Nelson Jacinto expôs toda a preocupação que está aumentando conforme as autoridades adiam as soluções já tantas vezes protelada.

"Mas dessa vez — garantiu o cacique — nós não vamos ficar parados. As promessas foram muitas e nada foi feito".

Outro motivo de preocupação para os índios, segundo ele, é que o general José Eduardo Lopes Teixeira, que esteve na reserva sexta-feira, prometera conservar as barreiras policiais em todas as entradas da área, para impedir que os colonos retornassem.

"Mas no sábado eles já tiraram a barreira lá de cima e os posseiros estão voltando, até agora só pra colher. Mas não demora e é para ficar" — afirmou Jacinto.

Ele disse também que acredita na existência de gente estimulada os brancos a voltarem para a reserva, porém concluiu, taxativamente:

"Mas isso nós não vamos deixar dessa vez".